



Ivã Serpa defendia a autenticidade e não fazia concessões na arte

Ivã Serpa morre aos 50 anos vítima de derrame cerebral

Doente desde o carnaval, quando sofreu uma trombose, morreu ontem o artista plástico Ivã Serpa, de 50 anos, vítima de um derrame cerebral. Seu corpo foi velado durante a noite de ontem, e a madrugada de hoje na capela 2 do cemitério São João Batista, onde será sepultado às 13 horas.

Na véspera do sábado de carnaval, quando trabalhava em casa, no Méier, um quadro erótico, Ivã Serpa sofreu uma trombose. O quadro foi recolhido e os conselhos médicos indicaram repouso absoluto. Na noite de anteontem começou a passar mal e às 8 horas de ontem foi levado para o Pronto-Socorro, onde vinha se medicando desde a trombose. Morreu ao meio-dia.

Autêntico

Carrioca, nascido em 1923, morador do Méier ("nunca tive preconceitos de lugar e qualquer um é bom"), Ivã Serpa se definia como um autêntico. Não rotulava sua arte nem seu modo de viver. Embora considerado por alguns críticos como o antiartista, Ivã preferia a autenticidade e por isso, ou em função disso, não admitia fazer concessões.

— Nunca fiz nem farei concessões — disse numa entrevista há dois anos. Isto é importante. Sei de antemão quando faço um quadro que não vai agradar ao público. Mas isso pouco me importa. Tenho de agradar a mim.

Fundador há mais de 20 anos do curso de pintura para crianças, cujas aulas vinha dando à tarde no Museu de Arte Moderna, Ivã tinha conceitos próprios sobre este seu trabalho. Para ele as "crianças-problemas" podem ser reajustadas através da pintura e explicava isso através da liberdade de expressão da pintura.

— As cores suaves ou aplicadas levemente sobre o papel revelam uma criança tímida. As formas irregulares e os traços muito acentuados apontam uma criança nervosa. A repetição frequente de temas, como navio, avião e trem, expressam a vontade de fuga — costumava explicar.

O artista

Em 1947 Ivã Serpa começou a pintar. Ele era professor de Francês que nas horas vagas fazia "os primeiros rabiscos." Depois surgiu o interesse pela arte, até se tornar aluno de Axel Leskoechek, mestre também de Almir Mavignier, Fayga Ostrower, Décio Vieira, Sheila e Aluisio Medeiros. As primeiras pinturas eram paisagens com árvores.

Quatro anos depois, em 1951, Ivã ganhou o Prêmio Jovem Artista Brasileiro na I Bienal de São Paulo. Logo depois, já totalmente integrado no movimento concretista liderado pelo poeta Ferreira Gullar, fundou o Grupo Frente, formado pelos primeiros pintores e artistas concretistas, entre eles Aloisio Carvão, João José, Lígia Pape e Oiticica.

O apelo interior

— É melhor não agradar, mas ser autêntico. Este, o conselho que Ivã Serpa recebeu de Georges Bernanos, ao visitá-lo, no Comitê da França Combatente. Um conselho realmente recebido, porque guardado: Ivã Serpa conheceu a contradição, a controvérsia em torno de suas obras, porque ignorou concessões.

Se abandonou o concretismo, de que foi um dos pioneiros no Brasil, foi por autenticidade: "A fase foi fruto de um equívoco... Pretendemos fazer uma arte altamente técnica num país subdesenvolvido. Deveríamos ter seguido nossa arte botocuda e estariamos hoje em melhor situação. Mas faltaram orientadores, faltou lucidez."

A mesma autenticidade ele reclamava das crianças, alunas suas no Museu de Arte Moderna, condicionadas, às vezes, por observações impertinentes dos pais: "Se uma criança pintar um morro azul, ou um cavalo rosa, não se deve dizer que está errado, porque essa expressão é um símbolo. No caso do cavalo cor-de-rosa, o menino de 11 anos que o desenho estava mais preocupado com a beleza da cor e da forma do que com a realidade."

Em meados da década de 60 Ivã Serpa estava preocupado com o mundo de contradições em que se via, entre engenhos diabólicos de destruição e conquistas científicas. Só havia duas alter-

Em 1958 ganhou o prêmio de viagem ao estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna e viajou pela França, Suíça, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Itália, Espanha e Portugal. Fez contatos com vários artistas, inclusive Max Bill, e modificou seus pensamentos sobre a arte, rompendo com o concretismo em 1963 e voltando aos desenhos figurativos.

Sua vida artística marcou presença também nas XXVI e XXVII Bienais de Veneza e nas II, III, IV e VI Bienais de São Paulo, sendo que nesta última recebeu o Prêmio Ardea. Em 1961 ganhou o Prêmio Esol no X Salão Nacional de Arte Moderna e em 1964, com uma exposição de desenhos na Galeria Barcinski, obteve o Prêmio JORNAL DO BRASIL, no 3º Resumo de Arte JB.

"Fase negra"

Durante 14 anos, até 1964, Ivã Serpa trabalhou no Departamento de Restauração de Livros da Biblioteca Nacional, de onde saiu aposentado. Em seu trabalho com livros velhos conheceu o anóbio — cupim que ataca o papel — e muitos quadros para simbolizar a destruição.

Preocupado com o momento em que vivia, Ivã Serpa teve entre 1963 e 1964 sua melhor fase, considerada a "fase negra", em que desenhava figuras "quase monstros ou piores mesmo" representando os principais problemas do mundo, um deles a guerra do Vietnã. Sobre a necessidade de viver o momento Ivã disse numa entrevista ao JB em 1971:

— Agora o desenho acabou. Não interessa mais. O que interessa é fazer outras observações em relação a outras coisas do momento atual. O que existe é uma necessidade de acordo com minha vivência. Trabalho todos os dias. Se tenho necessidade de fazer desenhos, eu faço, se for objeto, eu faço. E tem momentos que tenho vontade de não fazer nada. Sem aflição. Nunca tenho planos. A vida é que os faz. De acordo com a maré é que eles serão traçados. As derrotas ensinam mais do que as vitórias. E dão forças para outros embates. Não me entrego não. Vou até o final.

Ultimamente Ivã Serpa vinha fazendo seus trabalhos voltado para o erotismo, que, para ele, "é válido quando autêntico; quando deixa de ser, vira pornográfico." Segundo ele próprio, agora estava se aproximando mais de uma consciência total, não só de si como também das coisas e das pessoas. Talvez por isto que, no seu depoimento ano passado, no Museu da Imagem e do Som, ele tenha assustado um de seus entrevistadores, o crítico Jaime Maurício, ao afirmar que sentira pela primeira vez o gosto do azul, assim como lera certa vez num livro de Kandinski.

— Eu pensei tanto no azul que o senti. É pastoso. Parece dentifício. Minha meta agora é sentir o vermelho e o verde.

nativas: ou trabalhar para o mundo da técnica, ou denunciar as contradições. Ele escolheu o homem como tema, o homem que precisava pensar, a fim de encontrar a solução de tantos problemas. Foi a fase das grandes cabeças, pintadas em quadros enormes, feitos menos para serem vistos do que para serem expostos e vistos.

Num trabalho de pesquisa e evolução lenta, Ivã Serpa se guiou por um único critério: o apelo interior. Garantiu, em depoimento para o Museu da Imagem e do Som, que foi em resposta a um apelo interior que voltou ao óleo e às cores, mais recentemente, depois de uma longa fase dedicada a desenhos em preto e branco.

A obediência decidida ao apelo interior nem sempre mereceu acolhida pacífica por parte do meio-ambiente humano; não é, certamente, uma das grandes regras para vencer na vida. A fase negra de Ivã Serpa lhe valeu a perda de amigos; chocou, porque pintava figuras esqueléticas, rostos deformados pela própria escuridão. Ele a explica: "Vivi momentos de angústia, preocupado com as bombas nucleares, que ameaçavam com o surgimento de novos seres deformados pelas radiações. Minhas figuras são formadas de corpos de homens e mulheres, ordenados de forma absurda, que representavam uma visão que me ocorria sempre. Eu só posso pintar o que sinto."